

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

BRUNA BALIARI ESPINOSA

A ARTISTA PROFESSORA E A PROFESSORA ARTISTA:
a composição musical a partir da experiência em sala de aula

PORTO ALEGRE

2023

BRUNA BALIARI ESPINOSA

A ARTISTA PROFESSORA E A PROFESSORA ARTISTA:
a composição musical a partir da experiência em sala de aula

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Música apresentado ao Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Música.
Orientadora: Profa. Dra. Luciane Cuervo

PORTO ALEGRE

2023

BRUNA BALIARI ESPINOSA

A ARTISTA PROFESSORA E A PROFESSORA ARTISTA:
A COMPOSIÇÃO MUSICAL A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciada em Música e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Música, obtendo conceito A.

Porto Alegre, 12 de abril de 2023.

Prof. Dr. Marcos Vinícius Araújo
Coordenador do Curso

Banca Examinadora

Profa. Dra. Luciane da Costa Cuervo
Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Marília Raquel Albornoz Stein
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. André de Cillo Rodrigues
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CIP - Catalogação na Publicação

Espinosa, Bruna Baliari

A artista professora e a professora artista: a composição musical a partir da experiência em sala de aula / Bruna Baliari Espinosa. -- 2023.

47 f.

Orientadora: Luciane Cuervo.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Música, Porto Alegre, BR-RS,
2023.

1. Educação Musical. 2. Composição. 3.
Criatividade. 4. Infância. I. Cuervo, Luciane, orient.
II. Título.

Este trabalho é dedicado à minha filha,
Maria Clara, e a todas as crianças que
me “alimentam” diariamente.

*Se a humanidade tem futuro, ela
vai retomar por aí: pela Infância.*
(Lydia Hortélio)

RESUMO

O presente trabalho consiste em um relato de experiência sobre a composição, gravação e divulgação de repertório didático para a sala de aula, articulando aspectos da criação e da educação musical. Por meio do entrelaçamento das ações de docência e artista, mais especificamente como compositora para o público infantil, o relato de experiência visa especificamente discutir o processo criativo das canções autorais *Descontamina* e *A Dança do Dente Mole*. O relato de experiência contempla a análise da origem destes processos até hoje, refletindo em sua fundamentação o diálogo entre a função de professora e de artista, a importância da escuta das crianças e a descoberta de suas linguagens e necessidades, além do processo criativo e a produção cultural para a infância. Como possíveis desdobramentos, espera-se conhecer em maior aprofundamento o processo criativo autoral entrelaçado por aspectos artísticos e pedagógicos da autora, além de promover espaço de reflexão sobre o papel da música autoral nas infâncias.

Palavras-chave: Educação Musical. Composição. Criatividade. Infância.

ABSTRACT

The present work consists of an experience report on the composition, recording and dissemination of didactic repertoire for the classroom, articulating aspects of musical creation and music education. Through the interweaving of teaching and artist actions, more specifically as a composer for children, the report of experience specifically aims to discuss the creative process of authorial songs *Descontamina* (*descontaminates*) and *A Dança do dente mole* (*The Loose Tooth Dance*). The experience report includes the analysis of the origin of these processes to date, reflecting in their foundations the dialogue between the role of teacher and artist, the importance of listening to children and the discovery of their languages and needs, as well as the creative process and cultural production for childhood. As possible developments, it is expected to know in greater depth the authorial creative process intertwined with artistic and pedagogical aspects of author, in addition to promoting a space for reflection on the role of authorial music in childhoods.

Keywords: Music Education. Composition. Creativity. Childhood.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	TRAJETÓRIAS FORMATIVAS.....	11
3	METODOLOGIA	15
4	DISCUSSÃO TEÓRICA: A ARTISTA E A CRIANÇA	17
4.1	PRODUÇÃO CULTURAL NA INFÂNCIA	18
4.2	A PROFESSORA E AS CRIANÇAS.....	20
5	RELATO DE EXPERIÊNCIA: A PROFESSORA ARTISTA	23
5.1	CANÇÃO DESCONTAMINA	23
5.2	CANÇÃO A DANÇA DO DENTE MOLE.....	35
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Música é dedicado aos entrelaçamentos da minha trajetória profissional no diálogo arte e docência a partir da composição de duas obras musicais infantis. Ele parte do delineamento da minha formação e atuação em diferentes frentes artísticas e pedagógicas, para adentrar no relato de experiência de criação e abordagem didática de obras musicais destinadas ao público discente por mim conduzido na Educação Musical.

Almejo relacionar a minha trajetória profissional em ambos os campos de atuação - artístico e pedagógico - ao processo criativo de produtos culturais à infância, buscando encontrar possíveis diálogos entre estas diversas atuações.

A cultura infantil é entendida, neste trabalho, como um conjunto de comportamentos e manifestações, repertórios, vocabulários, gestos, enfim, ligados ao seu tempo e região. O recorte realizado é conectado a um período e momento histórico marcado por suas ocorrências. Uma autora-chave dessas reflexões é Lydia Hortélio, que valoriza o brincar na infância e a importância do cantar repertórios infantis. Em suas palavras: “A Música da Cultura Infantil é uma música com movimento, aliada à representação e a uma geometria no tempo. É uma música no corpo, próxima ao outro, com o outro, movida pura e simplesmente pela livre vontade de brincar” (HORTÉLIO, 2006).

Este trabalho, assim, nasce destas trajetórias entrelaçadas e pretende relatar e refletir acerca desta minha experiência como professora e artista, mais especificamente como compositora de músicas para o público infantil. Este relato visa entrar nos processos de composição e lançamentos do meu primeiro e segundo singles chamados *Descontamina* e *A Dança do Dente Mole* e aos momentos de exposição destas composições em sala de aula. *Descontamina* foi minha primeira música autoral, gravada em julho de 2021 e lançada em novembro do mesmo ano, junto com um videoclipe. A música foi criada durante a pandemia e trouxe este tema para as crianças. Atualmente uma nova música vem sendo gravada e lançada: *A do Dança do Dente Mole*.

Este relato de experiência procura responder, portanto, “quais as relações entre o processo criativo das músicas de canções autorais e a experiência de professora de música na Educação Básica”, possuindo como objetivos específicos relacionar as funções de artista e professora, percebendo como se contribuem em

seus processos criativos, refletir sobre a produção cultural e composição musical para o público infantil, bem como delinear aspectos da produção artística e executiva imbricados nessa trajetória.

O relato de experiência se relaciona com a fundamentação teórica, desenvolvendo, por meio desta relação, diversas questões tais como o diálogo entre as funções de professora e de artista, a função da artista dentro da escola, o tempo presente na sala de aula, a importância da escuta das colocações das crianças e a descoberta de formas de utilização da linguagem e necessidades, assim como o processo criativo e a relação entre público e artista e a produção cultural para a infância.

Este trabalho se organiza a partir do delineamento da trajetória formativa da autora, e como estas experiências originaram a temática de interesse. Discute, na metodologia, os procedimentos adotados para a elaboração deste relato de experiência e o desenvolve, entrelaçado à fundamentação teórica dos campos da Educação Musical, Psicologia da Educação e Sociologia da Infância. É, em essência, uma partilha de criações e práticas ligadas a canções produzidas especialmente para o público infantil, num processo educativo-musical que se retroalimenta no ensino, na criação artística e na performance.

2 TRAJETÓRIAS FORMATIVAS

O caminho para aceitar-me no papel de artista foi longo e ainda vem sendo descoberto. Durante esta trajetória, tornei-me professora. Primeiro, professora de piano, meu “instrumento de formação” e, posteriormente, de Educação Musical para crianças. Mas foi quando me vi dentro da escola que percebi a dimensão desta profissão. Como diz Penna (2007) em seu artigo “*Não basta tocar? Discutindo a formação do educador musical*”, é na sala de aula que iremos nos deparar com condições de trabalho tão diversas daquelas da escola de música com quadro pautado e poucos alunos por turma. É na sala de aula que nos deparamos com numerosas e diferentes vivências e expectativas musicais.

Foi dentro da escola que eu me descobri e me assumi professora, refletindo acerca da grandiosidade desta profissão. Segundo Freire (1997), o aprendizado do ensinante se dá na maneira com que este se mostra disponível a repensar o pensado, rever suas posições e envolver-se com a curiosidade dos alunos, identificando sugestões não percebidas anteriormente. Dentro de uma escola, os professores se veem diante de um número bastante grande de alunos/as, precisando lidar com uma extensa diversidade e sendo assim, inúmeros desafios. No meu caso, de professora especialista¹, além da diversidade existente em uma mesma turma, também me vejo em contato com a pluralidade contida nas diversas séries e idades com as quais me relaciono.

Atualmente sou professora de música nos Anos Iniciais (1º ao 5º ano) e de teatro (7º ano) de uma escola da rede privada de Porto Alegre/RS. Têm sido extremamente enriquecedoras as experiências que esta atuação profissional vem me proporcionando. Porém é fato a importância, ou até mais que isso, necessidade, que sinto de permanecer atuando como artista, de maneira a retroalimentar essas atuações e transversalizar elementos didáticos e artísticos no contexto do palco e das gravações do repertório para este público.

Iniciei a minha formação em Teatro em 2006, quando já cursava as faculdades de Psicologia e Música. Após finalizar a minha formação no ano de 2007, fui contemplada com uma bolsa de estudos para um mestrado em *Promoção de Saúde* na *Universidade Autônoma de Barcelona*, na Espanha. Nesta instituição

¹ Professora especialista é o termo utilizado no ambiente escolar para professores que ministram disciplinas específicas, portanto não são professores-referências (pedagogos/as) ou generalistas.

escrevi e defendi a dissertação intitulada “O essencial é invisível aos olhos: palhaços que humanizam e promovem saúde” no ano de 2009.

Durante estes anos pude aprofundar-me nas linhas da Psicologia Positiva² e na importância de promover saúde antes de prevenir qualquer doença. Foi nesta época que finalmente entendi o porquê eu não desejava ser musicoterapeuta (muitas pessoas me sugeriram isso, visto que eu fazia as duas formações): eu queria trabalhar com a arte em sua potencialidade total, livre de objetivos prévios, relacionados ao olhar terapêutico. Para mim, a música como expressão artística deixaria de ser inteiramente contemplada na medida em que a colocasse como uma ferramenta para o trabalho da psicóloga.

É importante distinguir a musicoterapia e o uso da música como uma forma de cuidado. A musicoterapia é usada pelo músico terapeuta em um processo estruturado segundo um objetivo. A música como cuidado é definida com o nome de música terapêutica, sendo usada como recurso complementar no cuidado das pessoas objetivando equilíbrio, aumento da consciência do processo saúde-doença, bem estar, assim como para proporcionar conforto, para ajudar na manobra da dor, estresse ou ansiedade (SILVA *apud* CARDOSO *et al.*, 2016, p. 716).

Passei a entender que não desejava excluir, ou melhor, temia perder a função artística do meu trabalho com a música. Gostaria de trabalhar com a música artisticamente e não como apenas uma ferramenta para o atendimento terapêutico. Atualmente, percebo-me exercendo esta possibilidade na função de professora, felizmente. Gainza (1998) em seu livro *Estudos de Psicopedagogia Musical* já fazia diversas relações entre a Psicologia e a Pedagogia, afirmando (entre tantas conclusões) a importância do professor de música no desenvolvimento emocional de seu aluno/aluna e conseqüentemente, como este docente pode vir a influenciar este estudante positivamente, percebendo as questões emocionais que permeiam as dificuldades no aprendizado e nas diversas relações com a música e a expressão artística.

Após especializar-me no *Teatro Físico de Jacques Lecoq*, voltei ao Brasil onde iniciei minha carreira como atriz profissional junto à *Cooperativa de Artistas*

² Psicologia Positiva: “Assinala-se que a Psicologia Positiva pretende contribuir para o florescimento e o funcionamento saudável das pessoas, grupos e instituições, preocupando-se em fortalecer competências ao invés de corrigir deficiências” (PALUDO; KOLLER, 2007, p.12) Sheldon e King (2001) a definem como o estudo científico dos aspectos virtuosos usuais presentes nos indivíduos, o que demonstra a preocupação central desse movimento, que seria estudar o que é típico, ordinário e usual na maioria dos indivíduos.

Teatrais Oigalê. Após 2 anos viajando pelo Brasil com o teatro de rua, passei a integrar a *Cia Caixa do Elefante*, compondo o elenco do espetáculo *Cuco: a linguagem dos bebês no teatro*. Este foi um trabalho realizado a partir de uma vasta e enriquecedora pesquisa sobre o teatro “desde, para e com bebês”, cuja trajetória ficou marcada por longas temporadas e premiações. Atualmente, participo do espetáculo *Orquestra de Brinquedos* e de um projeto novo chamado *Crionças*, que visa ser um bloco de carnaval infantil. Em todos os trabalhos artísticos em que já estive (projetos predominantemente direcionados para a infância) me vejo unindo as minhas formações em teatro e música (e, por que não, também, a psicologia e minha experiência com as crianças).

Em 2021 compus minha primeira música: *Descontamina*. Após voltar a dar aula em sala de aula, passei a cantar esta música para os meus alunos, o que resultou na iniciativa e motivação de gravá-la e lançá-la oficialmente nas plataformas digitais. A partir deste processo, compus uma nova música: *A Dança do Dente Mole*, que em breve será gravada e lançada.

A minha experiência como artista foi se ampliando na mesma medida em que as necessidades e oportunidades foram surgindo como professora. Ao deparar-me exercendo estes dois papéis, percebi também o quanto os professores relacionados às artes carregam muitas vezes uma imagem inferior àqueles profissionais que exercem suas funções como artistas. Debortoli (2018) refere esta comparação a uma possível e equivocada relação entre arte educador como o que atribui questões pedagógicas e o artista como aquele que possui a “dádiva do dom”. A mesma autora também ressalta a importância da sensibilidade do artista para as escolas, sugerindo que o arteeducador não deve colocar-se como professor dentro da escola e artista apenas fora dela, acreditando na escola também como um espaço para se atuar como artista.

A identidade da minha carreira profissional até aqui se deu muito a partir da relação que construí e construo com a infância. Esta construção também se entrelaça à minha identidade como mãe, papel este que está intimamente relacionado à infância e que me ajuda a reforçar minha identificação com o trabalho que exerço. É impossível não citar aqui a predominância do feminino neste campo de trabalho e refletir a respeito da escola ser uma instituição eminentemente feminina, com seus atributos de cuidado e vigilância. É necessário tomar cuidado com o pensamento cristalizado socialmente (e muito discutido atualmente) que

coloca a mulher como responsável pelos deveres com a criança. Este pensamento se estende da maternidade ao âmbito escolar resultando no “mito da mãe-professora que é capaz de amar incondicionalmente as crianças, como se fossem seus filhos e filhas” (BARDUNI FILHO, 2022, p. 246). O fato é que não dispense a relação de identificação do meu papel de mãe (que tanto almejei) com o de professora - que também cuida e por que não, ama. Apenas não o coloco como responsável ao “sucesso” de meu trabalho, tampouco deixo de questionar o modelo hegemônico de masculinidade que tende a compreender afeto, cuidado e carinho como sendo sentimentos exclusivamente femininos.

Entendo que a minha trajetória formativa se desenvolveu de maneira interdisciplinar e isso se reflete em meu trabalho, direta e indiretamente, como artista e como professora. Este relato de experiência entrelaça estes saberes e práticas no contexto da Educação Musical no qual atuo neste momento.

A seguir, discorro sobre os procedimentos adotados na construção deste TCC neste relato de experiência. Essa seção será seguida pelas reflexões teóricas na parte intitulada “A artista e a criança”, onde reflito sobre a produção cultural na infância e a professora e as crianças. Após isto, apresento o capítulo “A professora e as crianças”, no qual apresento as vivências construídas junto ao repertório musical criado para o público infantil e suas implementações pedagógicas.

3 METODOLOGIA

Considerando o propósito deste trabalho, de refletir e relacionar as funções de artista e professora a partir do processo criativo de duas composições musicais para o público infantil, fez-se necessário buscar uma estratégia que possibilitasse a descrição, análise e reflexão sobre esse processo. Dentre as possibilidades, o formato do relato de experiência mostrou-se mais adequado, afinal, está associado à minha história pessoal e vivência profissional. Assim, embora parta das experiências formativas interdisciplinares enquanto profissional e estudante, bem como desenvolva uma revisão bibliográfica sobre os temas do TCC, as experiências práticas como artista e como professora são delineadas como relatos pessoais.

Segundo Mussi (2021), o relato de experiência em contexto acadêmico pretende, além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo e da aplicação crítica reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante).

Os relatos aqui utilizados foram escritos a partir das aulas de música de 6 turmas - 3 turmas do 1º ano e 3 turmas dos 2º anos - dos Anos Iniciais de um colégio da rede privada de Porto Alegre. Este colégio possui 1.300 alunos e atende, em sua maioria, o que poderíamos considerar como crianças da classe média/alta da cidade de Porto Alegre. Os relatos descritos neste trabalho foram retirados de diários de bordo feitos durante os anos de 2022 e 2023, os quais refletiram planejamentos pedagógicos e planos de aula, comentários sobre trabalhos de estudantes e anotações acerca das composições e atividades delas decorrentes.

O processo de composição e gravação da música *Descontamina* se deu no ano de 2021 e o processo de composição da música *A Dança do Dente Mole* se deu durante o ano de 2022. Durante estes processos, sempre estive trabalhando como professora de música neste Colégio e, portanto, os registros citados aqui neste trabalho são advindos deste período pós-pandêmico. As turmas possuem em média 20 alunos de 6 a 8 anos de idade. Para a descrição do processo de composição e gravação foram utilizados os registros das letras em caderno e gravações das melodias em celular.

Para Goodson (2004, p. 307): “[...] a experiência de vida e a trajetória anterior do professor ou professora contribuem para formar a sua visão de ensino e os principais elementos da sua prática”. Sendo assim, com o presente trabalho,

pretendeu-se relacionar as relações entre o processo criativo das canções autorais e a experiência de professora de música na Educação Básica. A partir disso, buscou-se refletir o quanto um processo alimenta o outro e o quanto as duas funções podem entrelaçar-se e contribuir para o exercício de ambas as profissões.

A revisão bibliográfica que fundamenta este relato de experiência transita entre os campos de Educação Musical e Psicologia da Educação, principalmente. Articulando autores que contribuíram para pensar a identidade docente em práticas pedagógicas e o campo artístico, procurei dialogar com as práticas de composição musical e seu processo criativo. A infância também é temática central deste trabalho, considerando o público-alvo das duas atuações - como professora e como artista, levando também a leituras importantes do campo da Sociologia da Infância.

4 DISCUSSÃO TEÓRICA: A ARTISTA E A CRIANÇA

“A antítese da brincadeira não é o que é sério, mas o que é real” (FREUD, 1977, p.149).

Para Freud (1977), seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e nela despende muita emoção. Ela distingue perfeitamente a brincadeira da realidade e gosta de ligar seus objetos e situações imaginadas às coisas visíveis e tangíveis do mundo. Para o autor, o escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca: cria um mundo de fantasia que leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre esse mundo e a realidade. Segundo ele, a criação, como o “devaneio”, é a continuação e a substituição da velha brincadeira infantil (FREUD *apud* VYGOTSKY, 2001).

A partir desta reflexão, podemos perceber como o artista se aproxima da criança, visto que ambos necessitam desta brincadeira para sobreviver. Para Girotto (2017), o que faz de um sujeito um artista é um conjunto que junta a capacidade de invenção/imaginação, a experimentação, a desobediência, a generosidade, a dúvida, a prudência, a habilidade de acariciar o que escapa e a tentativa de dar forma a algo que já existe, mas que ainda está por fazer, se fazendo. O artista então estaria estreitamente relacionado à criança, no que diz respeito às capacidades de imaginação e curiosidade frente ao mundo.

Conforme Brito e Moreira (2011), tornar-se quem se é seria o processo de viver existencialmente no aqui e agora, estando aberto à experiência e às reações organísmicas:

É um processo que envolve abertura e criatividade. Ao contrário de se chegar a uma identidade cristalizada, torna-se o que se é, é abrir-se às possibilidades da existência. Envolve a coragem de assumir nossas experiências, sem deturpá-las por não estarem de acordo com uma imagem já formada do que somos (BRITO; MOREIRA, 2011, p.209)

Maslow (1973, p. 127) define as experiências criativas, artísticas, como aquelas em que o indivíduo experimenta um “episódio de individuação”. A pessoa, nessas experiências, sente felicidade e realização supremas, sente-se no auge de seus poderes, livre de bloqueios, medos, autocríticas, sendo, conseqüentemente,

mais espontânea e autoconfiante, características essas usualmente encontradas em pessoas capazes de individuação, segundo observações clínicas do autor (MASLOW, 1973, p.114).

O pintor espanhol Pablo Picasso falou certa vez que toda criança é um artista e o problema estaria em como manter-se artista depois de crescido. Percebo esta afirmação próxima ao conceito de autenticidade, ou de “ser o que se é” de Carl Rogers. Carl Rogers foi o criador da *Abordagem Centrada na Pessoa* (1961), importante vertente da Psicologia Humanista, desenvolvida por ele entre as décadas de 40 e 80 do séc. XX. Segundo ele, existem três condições necessárias para o crescimento humano: aceitação positiva incondicional, compreensão empática e autenticidade. Rogers enfaticamente cita a importância do desenvolvimento da congruência (termo também utilizado por ele para se referir a “ser o que se é”), caracterizando esta como uma correspondência mais adequada entre a experiência e a consciência.

Vários artistas apostam na relação existente entre a criança e o artista e colocam suas artes próximas dos fazeres de uma criança. Manoel de Barros reservou para o verbete “Poesia” a seguinte definição: “[...] armação de objetos lúdicos com emprego de palavras, imagens, cores, sons etc. – geralmente feitos por crianças, pessoas esquisitas, loucos e bêbados” (BARROS, 1996, p. 215). É nesse sentido que Freud (1977) defende que a antítese de brincar não é o que é sério, mas aquilo que é real.

4.1 PRODUÇÃO CULTURAL NA INFÂNCIA

E se quisermos verdadeiramente fazer justiça às crianças, teremos que desafiá-las em sua graça e poder, através de sua própria cultura (HORTÉLIO *apud* BRITO, 2003, p.95).

Atualmente, o crescente peso ocupado pela mídia na formação da subjetividade infantil vem se traduzindo em tentativas de transportar para as relações pedagógicas elementos que ocupam o imaginário infantil provenientes do espaço midiático (RIBEIRO, 2012). Considerando o conceito de infância a partir de uma concepção histórica e sociológica, existe (hoje em dia) uma mudança na noção que se tinha, até então, de que a criança era “totalmente dominada e dependente do

adulto, passando, agora, a tratá-la como sujeito nas relações sociais, como produtora de história e de cultura” (MOLINA *apud* RIBEIRO, 2011, p. 261).

Segundo Muzel (2012), deve-se refletir a criança ativa no campo da comunicação percebendo-a não como mera reprodutora de elementos culturais. Em todo processo de troca e partilha, a criança, ao se comunicar, concebe seu espaço de própria produção cultural, como sujeitos ativos e criadores, que compõem novos significados, reconstróem produtos, ideias, valores, atitudes, manifestações, roteiros, momentos, de forma peculiar. Para se pensar sobre uma produção cultural da infância, primeiramente deve-se entender que:

[...] a produção cultural não pode ser resumida a um produto dado e concluído e que se auto justifica, porém, a concepção e construção de qualquer produto deve ter passado por processos de ações e reflexões. Processos formadores de sujeitos que agiram ativamente nesse dinamismo e produtos que desencadearão novos processos e novas reflexões. (PEROTTI *apud* MUZEL, 2012, p.2).

A consideração das crianças como atores sociais, e não como sujeitos incompletos ou como componentes acessórios ou meios da sociedade dos adultos, implica o reconhecimento da capacidade de produção simbólica por parte das crianças e a constituição das suas manifestações, representações e crenças em sistemas organizados; isto é, em culturas. (SARMENTO e PINTO *apud* M. FILHO, 2007, p.5)

É a partir disso que se faz necessário criar na escola um espaço de experiências, propício ao ímpeto inovador e criativo das crianças. Pensar a infância nessa perspectiva permite trabalhar no sentido de evidenciar as potencialidades de experiência, toda ela criativa. Espera-se da educação uma aspiração à interrupção do que já está dado e propiciar novos inícios (KOHAN, 2005).

Julio Brum (*apud* BEINEKE, 2008), ressalta a riqueza das qualidades recreativas, interpretativas e musicais presentes nos jogos das crianças, que mostram sua própria identidade musical, um patrimônio exclusivo delas, na hora de jogar e cantar.

A necessidade de que músicos e educadores construam uma real atitude de escuta e respeito no momento de conhecer os jogos e brincadeiras das crianças, respeitando e valorizando a cultura infantil [...] nossos espetáculos e canções deveriam ser concebidos como geradores lúdicos de vivências e instâncias estéticas de comunicação que resgatem e reelaborem ritmos, jogos e gestos melódicos tradicionais (BRUM *apud* BEINEKE, 2008, p. 7).

Sendo assim, a cultura infantil deve ser entendida como o conjunto de experiências, descobertas e o fazer das crianças entre elas mesmas, de maneira que a música da cultura infantil deve ser compreendida dentro desse mesmo contexto, incluindo a inter-relação de palavra, música, movimento e o outro” (HORTÉLIO *apud* BRITO, 2003, p. 95). Beineke (2008) lembra que as músicas das crianças não são apenas as canções chamadas “infantis”, tradicionais ou não. Além daquelas músicas que os adultos consideram como infantis, as crianças revelam modos próprios de fazer e inventar músicas. E lembra que “[...] independente de quem é o destinatário da sua música, o cuidado, o rigor do trabalho e a exigência devem ser as mesmas. O que é diferente são as necessidades de cada destinatário; e se o destinatário são crianças, é fundamental que quem faz essa música conheça crianças e o universo infantil” (BOSCH *apud* BEINEKE, 2008, p.6). Segundo a autora, qualquer um pode cantar ou tocar bem uma canção infantil, mas isso fica mais difícil quando não se conhece o universo infantil.

4.2 A PROFESSORA E AS CRIANÇAS

“Recuperar o ser poético que é a criança só é possível quando os professores se percebem como pessoas capazes de viver o estranhamento, que é o ser da poesia, quando o professor descobre nele mesmo o prazer da criação.” (MOREIRA, 1993, p. 23).

Para Piaget (*apud* GAINZA, 1988) o afeto é o principal impulso motivador dos processos de desenvolvimento mental da criança. Afetividade e inteligência são indissolúveis e constituem dois aspectos complementares de toda conduta humana.

Falar do afeto como fator do fazer pedagógico é dar sentido às formas de propor atividades e na realização delas. Segundo Costa (2017), a afetividade no desenvolvimento humano, especialmente na Educação, envolve o acreditar que a criança é capaz de se tornar uma pessoa mais autônoma nas resoluções de problemas em sua vida e ser socialmente participativa ao interagir com o meio.

Tratando-se de educação de crianças pequenas, o afeto atrelado à educação é fator indispensável ao processo de aprendizagem, visto que educar não é apenas repassar informações, mas sim ajudar a criança a tomar consciência de si, dos outros, da sociedade em que se vive e também do seu papel dentro dela. Saber se aceitar como pessoa e aceitar o outro com os seus defeitos e qualidades.

Segundo Maia (2012), a palavra infância (etimologicamente originária do latim e que significa ausência de fala, e ainda dependência) trata-se de um termo cujo significado é difícil precisar, pois são muitas as definições por sua diversidade. Para Lajolo (2006, p. 229), “[...] enquanto objeto de estudo, a infância é sempre um outro em relação àquele que a nomeia e a estuda”. A autora relembra que as palavras “infante” e “infância”, ligadas à ideia de ausência de fala, contribuem para entender o silêncio que se infiltra na noção que se tem de infância e que esta continua marcada quando se transforma em matéria de estudo ou ainda de legislação.

[...] por não falar, a infância não se fala e, não se falando, não ocupa a primeira pessoa nos discursos que dela se ocupam. E, por não ocupar esta primeira pessoa, isto é, por não dizer eu, por jamais assumir o lugar de sujeito do discurso, e, conseqüentemente, por consistir sempre em ele/ela nos discursos alheios, a infância é sempre definida de fora (LAJOLO, 2006, p. 230).

A criança sempre existiu, mas constata-se que o sentimento de infância era ausente até o século XVI, surgindo a partir dos séculos XVII e XVIII. (ARIÉS *apud* MAIA, 2012). Durante o Iluminismo, este conceito passa a ser questionado, porém como período que antecede os limites da palavra e da razão e apenas depositária de algo que irá se revelar no futuro. “Caberia, então, à educação realizar essa tarefa e transformar esses pequenos seres imperfeitos em homens dotados de linguagem e de futuros cidadãos responsáveis, independentes e autônomos. (PEREIRA; SOUZA, 1998, p.29).

O modo como nos relacionamos com a infância é revelador das formas de controle da história. A necessidade de controlar o futuro faz com que a própria existência seja absolutamente enredada na previsibilidade (...) a cada etapa corresponde um comportamento preciso, e dessa relação pontual é que são forjados os critérios de normalidade e de bom andamento do próprio desenvolvimento (PEREIRA; SOUZA, 1998, p. 30-31).

A cultura lúdica ou o caráter lúdico da vida cotidiana infantil, desde muito cedo, como observa Santin (1994), “sofre pressões de todos os lados”. Isto significa dizer que, as pressões do mundo adulto, terminam por impor às crianças padrões comportamentais e culturais, que são inculcados na escola, na família e na comunidade. Assim, os jogos, brinquedos e brincadeiras das crianças, apesar da

resistência delas, são muitas vezes tidos pelos adultos, como inoportunas ou improdutivas.

Discutindo a dimensão social do jogo, Brougère (2002) explica que o jogo só existe dentro de um sistema de interpretação das atividades humanas, porque não há, de fato, algum comportamento que permita definir claramente quando se está brincando ou não. Assim, o que caracteriza o jogo é o estado de espírito com que se brinca.

Segundo Santos (2010), os adultos não conseguem ter ações responsáveis e colaborativas em relação às brincadeiras das crianças se dá, em grande parte, devido a uma falta de compreensão sobre o significado das condutas infantis. Esta falta de compreensão pode ser atribuída a “uma restrição ótica, uma espécie de miopia, que nos impede de compreender o mundo sob pontos de vista diversos do nosso, como é o caso do ponto de vista da criança o que, conseqüentemente, dificulta a projeção de ações que venham ao encontro dos seus desejos e das suas necessidades enquanto sujeitos de conhecimento” (SANTOS, 2020, p. 46).

Nascimento (2020) reflete a importância do olhar atento, observador e investigador e da sensibilidade para com a pluralidade que compõem uma sala de aula, bem como as particularidades de cada aluno. Compreende que professores que tenham mais a capacidade de ouvir, desenvolvendo uma atmosfera mais igualitária, espontânea e criativa, ou seja, livre de ameaças, são professores que acreditam na transformação pessoal de seus alunos. E cita Rogers (1997, p. 59):

Se eu aceito a outra pessoa como alguma coisa fixada, já diagnosticada e classificada, já cristalizada pelo seu passado, estou assim a contribuir para confirmar essa hipótese limitativa, se eu aceito num processo de transformação, nesse caso o que faço é confirmar ou tornar real as suas potencialidades.

5 RELATO DE EXPERIÊNCIA: A PROFESSORA ARTISTA

Nesta seção do TCC, será delineada a experiência de composição e lançamento do meu primeiro single *Descontamina*, do processo de criação de meu segundo single *A Dança do Dente Mole*, e dos momentos de exposição destas composições em aula. *Descontamina* foi minha primeira música autoral, gravada em julho de 2021 e lançada em novembro do mesmo ano, junto com um videoclipe. *A Dança do Dente Mole* deverá ser em breve gravada para lançamento.

5.1 CANÇÃO DESCONTAMINA

Em 2021 fui convidada para fazer a direção musical de um projeto chamado *Risolamento Social - Circo Itinerante*, realizado com recursos da Lei n.14.017/2020 (BRASIL, 2020) pelo grupo de teatro Vagamundo, de Santa Maria. A proposta inicial era construir um espetáculo de rua com esquetes de palhaços e palhaças de diferentes cidades do Rio Grande do Sul. Porém, devido à pandemia, terminamos produzindo pequenos vídeos que foram ao ar através da rede social do grupo. A produção da trilha sonora dos vídeos foi toda autoral e realizada em conjunto com os músicos Vini Silva e Rodrigo Fontoura. Durante este processo compus minha primeira trilha instrumental e minha primeira música: *Descontamina*.

Já trabalho como atriz profissional há muitos anos, assim como já me apresentei como musicista algumas vezes também, porém lançar uma música autoral se aproximou de algo inédito para mim até então: a experiência de me assumir artista. Até então, o fato de atuar ou tocar em trabalhos que não foram criados por mim me afastava deste sentimento que, ao me deparar com ele, percebi ser tão importante. Não que o fato de ser uma intérprete ou atriz não comprove o exercício de ser artista, porém percebo que ao me colocar como artista - com meu nome e sobrenome - todos novos sentimentos emergiram a minha consciência.

Segundo Cameron (2017), os artistas precisam aprender a se levar a sério. “Com um esforço delicado e deliberado, devem cuidar de sua criança artista. A criatividade é lúdica e deve-se aprender a se permitir brincar (CAMERON, 2017, p. 58)”. Quando levei a sério a minha música, decidindo gravá-la e produzi-la com lançamento e videoclipe, passei a perceber o quão importante era passar por este processo. E a decisão de fazer tudo isso só aconteceu por causa das crianças e da

escola. Foi em sala de aula, como professora, que me percebi experimentando esta sensação de mostrar a minha música para o público com o qual estou acostumada a estar: as crianças.

As primeiras turmas com que decidi cantar minha música foram as do 1º e 2º anos dos Anos Iniciais, ou seja, crianças de 6 a 8 anos. A reação foi muito interessante e positiva. As crianças logo se identificaram com a letra que eu trouxe:

Descontamina

Bruna Espinosa, 2021.

Descontamina
 Elimina todo o mal
 Tira o vírus do local
 Passa álcool lava a mão e limpa o chão com esfregão

Descontamina
 Deixa tudo bem limpinho
 Cuida com muito carinho
 Faz o distanciamento
 Mas não perde o movimento, cuida do temperamento, não polui o pensamento

Descontamina
 Leva a vida devagar
 Tenta não se preocupar
 E se for contagiar
 Que seja de alegria e paz, com muito amor e bem-estar

Percebi que havia composto para elas sem estar com este objetivo previamente. Para compor para crianças é importante entender seu mundo, como pensam e interagem. A música *Descontamina* não foi composta especificamente para as crianças, mas quando executada para elas pareceu muito familiar a todas.

Quando resolvi tocar a música em aula, o fiz acompanhada de meu ukulele. Passei a usar este instrumento nas aulas online e após, quando (devido ainda à pandemia), não pudemos mais ir para a sala de música onde se encontrava o piano. A música, que antes era tocada com o acordeon, recebeu uma versão mais diferenciada e suave com o novo instrumento. As crianças imediatamente entenderam a letra e se identificaram. Se mostraram interessadas e com vontade de dançar. Sugeri então que se levantassem e imediatamente decidi criar, junto com elas, uma coreografia. A coreografia para a minha música trouxe a brincadeira, que naquele momento, notei que faltava e se pedia. A cada estrofe perguntava às crianças que gestos poderíamos fazer e elas prontamente sugeriam movimentos. A

criação da coreografia em conjunto tornou-se, naquele momento, a brincadeira em si.

Como citado por Brougère (2002), o que caracteriza o jogo é o estado de espírito com que se brinca. Ou seja, para brincar, mais do que imaginação, precisa-se de disponibilidade e presença. Freud (*apud* VIGOTSKI, 2001) afirma que a criação é a continuação e a substituição da velha brincadeira infantil. O estado da brincadeira seria então também um estado para a criação artística. A coreografia inventada naquela turma passou a ser utilizada com outras crianças que a receberam e desejaram aprendê-la naturalmente. Por ter sido criada em conjunto com crianças, automaticamente se encontrava em uma linguagem para elas. Este processo de troca e partilha possibilita o que Muzel (2012) relata como um espaço de produção cultural próprio, pois a criança, ao se comunicar, concebe este espaço como sujeitos ativos e criadores, que compõem novos significados, reconstroem produtos, ideias, valores, atitudes, manifestações.

Passei a tocar e dançar *Descontamina* em diversas aulas com as 6 turmas dos 1º e 2º anos dos Anos Iniciais que tenho na escola. Os alunos pediam para que cantasse para eles. Porém foi no dia em que uma aluna me perguntou onde poderia escutar esta música em casa que resolvi gravá-la e lançá-la “oficialmente”. A partir da escuta deste desejo real, obtive força e coragem para iniciar este processo até então desconhecido para mim.

O processo de gravação de uma música atualmente é algo muito facilitado e que pode ser feito de diversas formas, até mesmo na própria casa. É incrível como as possibilidades se expandiram na produção musical com a tecnologia e a internet. Para a gravação de *Descontamina* contatei um amigo, Rodrigo Loro (produtor musical), que aceitou me receber em seu estúdio e me ajudar neste processo. A gravação foi feita durante uma semana em Garopaba, durante minhas férias de julho de 2021. Dela participaram, além de mim, que gravei acordeon e voz, os músicos Daniel Almaoe (flauta), Tiago Bra (violão), Rodrigo Loro (contrabaixo e percussão) e German Kobiec, que gravou o clarinete e fez a masterização. Para o coro das crianças contamos com a participação da minha filha, Maria Clara Espinosa Rempel, e das filhas de German - Nara e Camila.

IMAGEM 1 – Equipe de músicos que fizeram parte da gravação



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).
Da esquerda para direita: German, Daniel, Bruna e Rodrigo Loro.

IMAGEM 2 – Coro de vozes infantis



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).
(Maria Clara, Camila e Nara)

IMAGEM 3 – Maria Clara Espinosa Rempel gravando vozes do coro



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Participar deste processo foi de muito aprendizado, pois reconstruímos a música, tornando-a muito mais interessante para as crianças. Originalmente a música tinha apenas acordeon e voz e na gravação passou a ter esta outra instrumentação, além de novo ritmo e texturas. A referência da gaita e a presença de palhaços no vídeo original foi algo que nos levou a buscar uma atmosfera mais “circense” para esta gravação. Buscamos, então, referências a partir do gênero musical “ska”, um precursor do reggae que é encontrado em muitas obras para o circo. A melodia é delineada de forma muito simples, com escalas que vão decrescendo, iniciando sempre a partir da última nota, facilitando o canto das crianças. Ao final de cada frase se tem a repetição da última nota em um ritmo constante, o qual alargando em cada estrofe, o que naturalmente possibilitou a criação de movimentos mais ilustrativos (criados em conjunto com as crianças) para a segunda estrofe (“mas não perde o movimento, cuida do temperamento, não polui o pensamento”) e da brincadeira de estátua para a terceira (e se for contagiar - estátua/ que seja de alegria e paz - outra estátua/ com muito amor e bem-estar - última estátua).

A seguir apresento a partitura da canção Descontamina, elaborada como registro da produção, mas, também, como recurso para este relato de experiência.

PARTITURA 1: CANÇÃO DESCONTAMINA

Descontamina

Bruna Espinosa

♩ = 140 **Introdução** C% / / / G7 / /

Des-con-ta - mi-na!_____ E - li - mi-na to-do_omal, ti-ra_o

10 / / Fmaj7 / / F#° / /

ví - rus do lo - cal, pas - sa ál - cool, la - va_a

15 G7 / /

mão e lim - pa_o chão com es - fre - gão..

18 **Instrumental** G7 / / / / C / / / / G7 / /

25 / / / / F / / D7/F# / / G7 / /

33 **A** / / / / C / / / / G7 / / / /

Des - con - ta - mi-na!_____ E - li - mi-na to-do_omal, ti-ra_o

42 / / / / F / / D7/F# / / G7 / /

ví - rus do lo - cal, pas - sa ál - cool, la - va_a_mão e lim - pa_o_chão com es - fre

49 / / / / C / / / / G7 / / / /

gão! Des - con - ta - mi-na!_____ Dei-xa tu-do bem lim - pi-nho, cui-da

2

58 F D7/F\# G^7

com mui-to ca - ri - nho, faz o dis-tan-ci-a-men-to, mas não per-de_o mo-
vi-

65 C

men-to, cui-da do tem-pera-men-to, não po - lui o pen-sa-men-to, des - con-ta - mi-na!___

72 G^7 F

Le-va_a vi-da de-va-gar, ten-ta não se preo-cu-par,

81 D7/F\# G^7

e se for con-ta-gi - ar que se-ja de_a-le-gri-a_e paz, com mui-to_a mor e bem es-

87 *Più mosso* C

tar, é is - so que eu que-ro fa - lar, Des - con - ta - mi - na!___

92 *ad libitum* C

lar... Des - con - ta - mi - na!___

Fonte: Bruna Espinosa (2021, p. 1-2)

A presença das vozes das crianças na gravação foi muito bem recebida pelas crianças em sala de aula. A percepção de que eram crianças cantando comigo era imediata e a curiosidade em saber de quem eram as vozes também. Ao dizer que uma delas era minha filha, as crianças se mostraram muito felizes e curiosas para conhecê-la (*você tem filha? quantos anos ela tem?*).

Esta possibilidade de colocar a voz das crianças na música remete a esta idéia de ausência de fala, proveniente do próprio termo infância, como Maia (2012) afirma, e à importância de colocá-las em primeira pessoa, assumindo o lugar de discurso e ajudando a definir sua existência de “dentro pra fora” (e não sempre através deste olhar de fora do adulto).

Durante este processo da gravação decidi que iria produzir um videoclipe para este lançamento e, para tanto, chamei outro amigo: Diego Machado. Diego é ator, trabalhamos juntos em uma peça para crianças por anos, e é pai. Durante a pandemia ele passou a se interessar por animação e foi ótimo poder contar com seu refinado trabalho para a direção e criação deste videoclipe.

Para o videoclipe já havia pensado na ideia de fazer uma animação. Não desejava aparecer em vídeo e acreditava que poderia ser ótimo iniciar este processo de minha carreira autoral com esta linguagem. Durante as reuniões que tivemos, decidimos criar esta pequena narrativa desta personagem (que seria eu) cantando em minha casa e saindo pela cidade de Porto Alegre, chamando as crianças para seguirem com ela. Ao passarem por diversas paisagens, o que era preto e branco se torna colorido. As crianças se juntam à cantora cantando e terminam no espaço.

IMAGEM 4 – Print do clipe musical



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

A minha casa foi a inspiração para o início do videoclipe, onde a personagem principal se encontra antes de sair para a rua e encontrar as crianças.

IMAGEM 5 - Print do clipe musical que mostra o *parque redenção*



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).
Importante espaço cultural da cidade de Porto Alegre.

Após o lançamento da música em diversas plataformas digitais e do videoclipe no *YouTube*, as mesmas turmas viram o videoclipe em aula. Todos ficaram muito felizes de poder assisti-lo. Muitos se surpreenderam ao ver que a música da professora estava no *YouTube*. Diversos estudantes pediram para que eu enviasse o link para seus pais. Para Girotto (2017) o que faz de um sujeito um artista é um conjunto que junta a capacidade de invenção/imaginação, a experimentação, a desobediência, a generosidade, a dúvida, a prudência, a habilidade de acariciar o que escapa e a tentativa de dar forma a algo que já existe, mas que ainda está por fazer, se fazendo. A partir daquele momento, me sentia artista. Eu percebia o meu trabalho como artista fortalecendo o meu trabalho como professora. E vice-versa. O interesse de meus alunos em meu trabalho artístico e conseqüentemente em minha docência, geraram uma satisfação em ambas as funções exercidas por mim, que naquele momento se viram como complementares.

Os comentários sobre o videoclipe foram diversos e demonstraram elementos de identificação estética tanto pelo teor da letra quanto pelas imagens da arte gráfica. Em uma turma que possui um menino com um cabelo loiro grande o identificaram imediatamente com uma das crianças do vídeo. Toda a turma não parou de falar que L. estava no videoclipe. Percebi que L. gostou muito da identificação que a turma fez.

IMAGEM 6 - Personagem cuja identificação estética foi manifestação pelo estudante L.

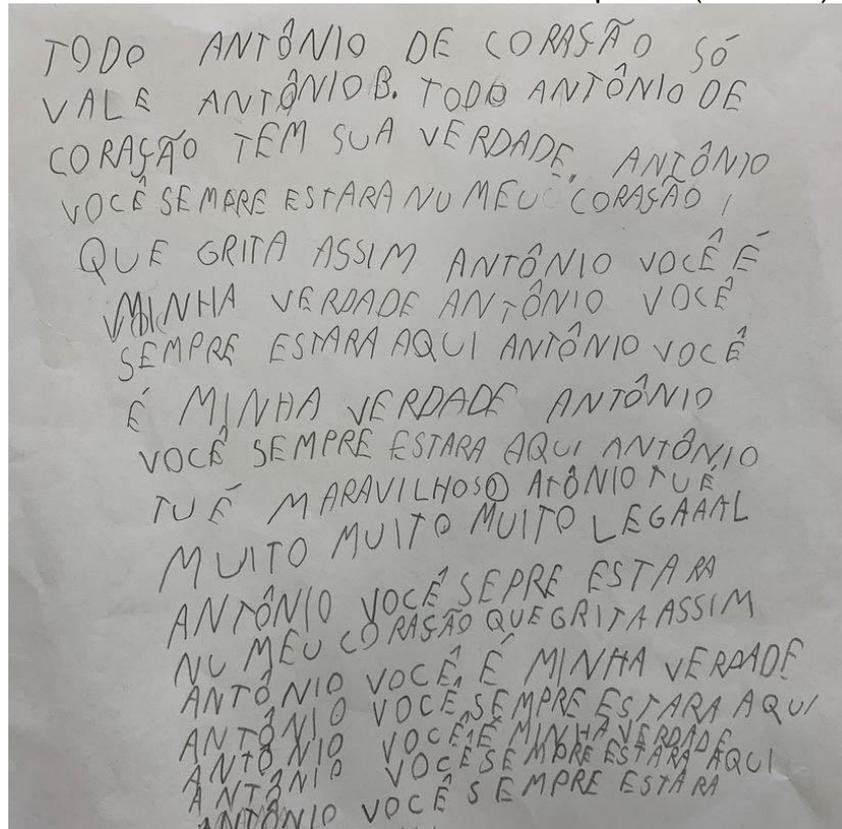


Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Outro comentário foi sobre o meu cabelo ser azul (logo me identificaram como a boneca protagonista do videoclipe) -"Você tinha cabelo azul?" - Pergunta F. Alguns acharam estranho o fato de as mãos da boneca terem quatro dedos: "ela tem 4 dedos" (disse G.). "E daí?" Responde V. Vários meninos reconheceram o estádio de futebol e logo o Parque da Redenção. Se mostravam identificados com os lugares que apareciam no videoclipe. Todas as crianças pareciam muito curiosas para saber como eu havia feito tudo aquilo: uma música que estava no *Spotify* e um videoclipe no *YouTube*! Pedem para escutar novamente. E mais uma vez. E outra. "Anota o nome para eu poder ver em casa?" - diz L.

A letra da música *Descontamina* parte da pandemia e dos cuidados que tínhamos que ter com a limpeza e o vírus, ampliando o sentido desta descontaminação necessária do vírus para tudo de ruim que possa existir. Durante um momento tão delicado que vivemos, percebi o quanto também a letra desta música ajudou as crianças (e a mim) a entender o que estávamos vivendo. Mais recentemente, em uma turma de 1º ano, propus uma pequena reflexão a respeito da música. Pergunto o significado da palavra descontamina e B. (7 anos) responde: "é do vírus, para matar os germes". Mesmo que neste momento não estejamos mais vivendo a pandemia tão fortemente, as crianças trazem consigo muitas marcas deste difícil período que vivenciamos. Comento que a música foi feita nesta época que usávamos máscaras e precisávamos lavar tudo com álcool gel. E todos demonstram lembrar muito destes dias - "era horrível", fala R. Falo que a música traz esta ideia de descontaminar o vírus do Covid, porém que fala de retirar outras coisas

IMAGEM 8 – Letra da música criada e escrita por D. (8 ANOS)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

A música era uma declaração de amor ao amigo Antônio. Foi muito bonito ver D. tocando sua música na turma e recebendo o carinho de Antônio no final, que o abraçou com força e amor. Analisando musicalmente, poderíamos identificar diversas questões interessantes na composição de D. como, por exemplo, a existência de uma forma com possíveis estrofes e refrão. Porém me ateno aqui a situação em si de D. trazer sua composição e instrumento para ocupar este espaço da aula de música.

Segundo Kohan (2005), se faz necessário criar na escola um espaço de experiências, propício ao ímpeto inovador e criativo das crianças. E afirma que “[...] pensar a infância nessa perspectiva permite trabalhar no sentido de evidenciar as potencialidades de experiência, toda ela criativa. Espera-se da educação uma aspiração à interrupção do que já está dado e propiciar novos inícios” (KOHAN, 2005, p.34).

A trajetória dessa música junto às turmas demonstrou um conjunto de manifestações e novas produções que emergiram das e para as crianças, enriquecendo o processo de educação musical por mim conduzido.

Acredito que com *Descontamina* e seu processo de criação e lançamento, pude integrar diversos aspectos, estando atenta às crianças, que me ajudaram a sinalizar por onde e como seguir. Segundo Hortélio (*apud* Brito, 2003), a música da cultura infantil deve ser compreendida incluindo esta inter-relação de palavra, música, movimento e o outro.

5.2 CANÇÃO A DANÇA DO DENTE MOLE

O processo de criação, gravação e lançamento de *Descontamina* fez abrir-me aos meus alunos neste sentido de estar atenta ao que poderiam querer consumir como produto musical. Passei a prestar mais atenção em suas conversas, perguntas e desejos, tentando entender melhor ainda seu universo. Como Perotti (*apud* MUZEL, 2012) afirma, a concepção e construção de qualquer produto deve ter passado por processos de ações e reflexões.

A consideração das crianças como atores sociais, e não como sujeitos incompletos, segundo Sarmiento e Pinto (*apud* M. FILHO, 2007), implica o reconhecimento da capacidade de produção simbólica por parte das crianças. Ou seja, as crianças são seres ativos, que produzem culturalmente e que percebem e agem perante o mundo de modo peculiar ao seu momento de vida. Além disso, a criança, por estar ainda em construção dela mesma, vive aberta às possibilidades de existência, sendo criativa e genuína em suas atitudes e experiências, o que lhe possibilita manifestações artísticas, ou seja, espontâneas, muito mais inovadoras e criativas (BRITO, 2011).

Para estar em contato com este ser poético que é a criança, como diz Moreira (1993), é preciso ser capaz de ouvir este estranhamento, que é o ser da poesia e da arte. O professor deve descobrir nele mesmo o prazer da criação. Para Nascimento (2020), professores que tenham mais a capacidade de ouvir, desenvolvendo uma atmosfera mais igualitária, espontânea e criativa, ou seja, livre de ameaças, são professores que acreditam na transformação pessoal de seus alunos.

E foi a partir desta escuta que surgiu a *Dança do Dente Mole*. Não era a primeira vez que percebia que era muito comum presenciar uma fila de crianças que vinham me contar que haviam perdido o dente. Ao entrar nas salas de aula dos 1 e 2 anos dos Anos Iniciais, por muitas vezes havia um assunto que seria comum: a perda dos dentes. Quando uma criança vinha contar à professora, logo outros

também queriam. Passei a perguntar a todos sobre quem já havia perdido os dentes. Pronto: foi conversa para quase toda a aula. É muito interessante quando nos deixamos levar pela conversa com nossos alunos, com as crianças. Uma conversa séria, interessada, atenta a seus argumentos e histórias. Todos terão algo para contar. Um que perdeu muitos dentes, outros que ainda não perderam. Como perderam, onde. Passaram a surgir histórias de alguém que tentou arrancar o dente na porta. Outro que perdeu comendo no almoço. Outra que dormiu e engoliu. A aula que deveria ser de música passa a ser mais de conversa. Mas isso também é aula, pode fazer parte de um projeto maior musical. Isso é uma construção de vínculo e afeto que, segundo Costa (2017), especialmente na Educação, envolve o acreditar que a criança é capaz de se tornar uma pessoa mais autônoma nas resoluções de problemas em sua vida e ser socialmente participativa ao interagir com o meio.

Passei a conversar sobre a perda dos dentes em todas as turmas que tinha de 1º e 2º anos. Em todas era notável que o assunto era muito necessário para aquela faixa etária. Não tinha quem não se interessasse pelo assunto. Passei a pensar que deveria fazer uma música sobre isso. Eles iam gostar.

Após estas reflexões em aula a letra e música da canção vieram rapidamente. A partir do movimento destes dentes moles, proponho uma dança para que eles caíssem. Todos viraríamos os dentes que faziam a dança para cairmos, finalmente. É a partir desta dança que componho a letra e a música.

Para isso, me conectei com as danças de axé, que têm as coreografias tão presentes em suas execuções. A música estava registrada em áudio simples, porém já foi executada ao vivo mais de uma vez pelo Crianças - bloquinho de carnaval infantil que vem sendo construído por mim em conjunto com outros músicos. Em todas as execuções obtivemos ótimas respostas. A partir destas gravações, foi realizado então o registro em partitura da música:

PARTITURA 2 - A DANÇA DO DENTE MOLE

Dança do Dente Mole

Bruna Espinosa

♩ = 100 Introdução

(palmas) (violão)

8

15 A G D⁷ G C G E⁷ Am
(voz) Quan- do eu nas-ci____ eu nas-ci sem den- te,____ a- go - ra ja sor-ri- den - te vou fi- car____

23 E⁷ Am E⁷ Am f D⁷ f
ban-gue-la de no - vo, com u-ma por - tei - ra____ por on - de a mi-nha lin - gua vai pas- sar,

30 1. G D⁷ 2. G E⁷ Am D⁷ Bm
____ quan-do eu nas-ci,____ quan-do eu nas-ci sar. A-con- te - ce que o meu den-te tá mui-to mo - le____

B^b° Am D⁷ Dm G⁷ C D⁷ Bm
mo - le, mo-le e____ não quer sa - ir,____ já fí-ze-ram de____ tu-do pra ar-ran- car,____

E⁷ A⁷ D⁷ G B C
mas é na dan - ça do den-te mo-le que e-le vai ca - ir. vai pra fren- te, vai pra trás, vai pro

G Am D⁷ G G⁷ C
la- do, vai pro ou- tro, ba - lan-ça nes-sa dan-ça, mas não cai. vai pra fren- te vai pra trás, vai pro

2

G Am D7 1. G 2. G D7 G

la-do, vai pro ou-tro, a - go-ra é a ho-ra e-le cai! Vai pra cai! Ca - iu! D.C. e Coda
rit. . . .

CODA

Tempo primo

(palmas) (sem harmonia) Tchau, meu den-te mo - le, tchau pra ti!

Já não te-nho me - do, eu não vou__ te en-go-lir.__ Tchau, meu den-te mo - le, tchau pra

ti! Cha-ma a fa-di - nha que a-go - ra eu vou dor-mir.__ Tchau, meu den-te mo - le,

tchau pra ti! Já tem den-te no - vo e eu com e - le vou sor-rir.__ Tchau, meu den-te

mo - le, tchau pra ti! Tô per-den-do s den - tes, é, eu a - cho que eu cres-ci.__ rall. . . .

Fonte: Bruna Espinosa (2021, p.1-2).

O arranjo desta canção vem sendo trabalhado e pensado junto ao produtor musical Rodrigo Fontoura. Os músicos convidados a tocar na gravação são Vini Silva e Pingo Borel, ambos percussionistas. Após conversas com os músicos envolvidos, chegamos a idéia de que seria interessante gravá-la como um samba de roda, estilo que está intimamente relacionado à roda de capoeira, que envolve música e lutas, e aos orixás, entidades espirituais africanas.

Enquanto esta música não é gravada, a tenho cantado em sala de aula. Todas as crianças demonstram gostar bastante da canção, relacionando-a aos seus dentes de imediato. O assunto volta como tema principal da aula, e a dança os ajudam a se conectar com este evento que vivenciam, tão importante para suas

vidas. Ao mesmo tempo, desenvolvemos ritmicamente a música, dançando os movimentos propostos.

Em uma aula propus que representassem graficamente o conteúdo da canção:

IMAGEM 9 - Trabalho da estudante B. a partir da canção *a dança do dente mole*.



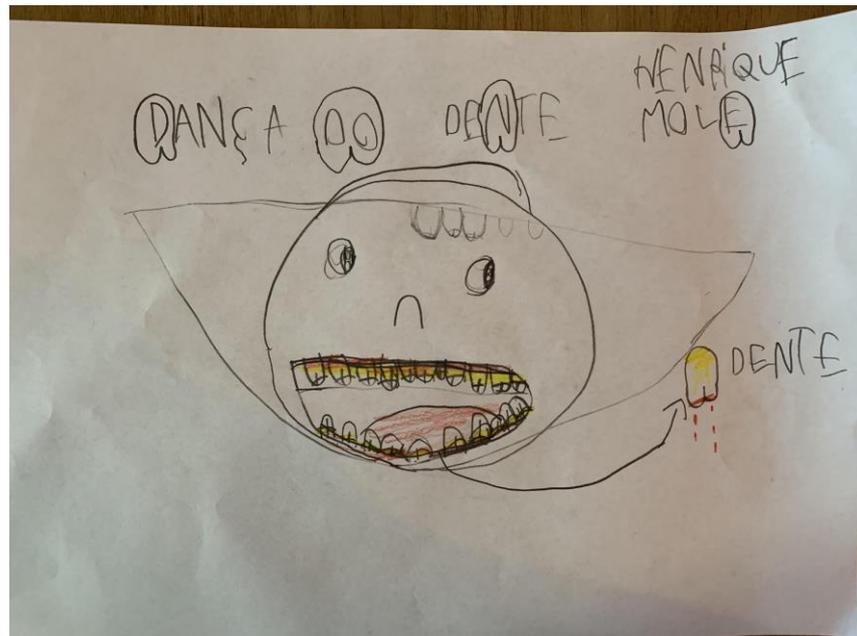
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

IMAGEM 10 - Trabalho da estudante G. a partir da canção *a dança do dente mole*.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

IMAGEM 11 - Trabalho do estudante V. a partir da canção *a dança do dente mole*.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

É muito interessante poder perceber as imagens que a música e o tema produzem nas crianças e como elas as reproduzem graficamente. Percebendo esta relação das crianças com estes dentes que se perdem é que, a partir das características do samba de roda, proponho uma verdadeira despedida ao dente que caiu. No final da canção então, temos um canto coletivo acompanhado de palmas - característico do samba de roda - que remete à despedida do dente e ao conseqüente crescimento e amadurecimento destas crianças após este evento marcante de seu desenvolvimento:

A Dança do Dente Mole

Bruna Espinosa, 2021.

Quando eu nasci
 Eu nasci sem dente
 Agora já sorridente vou ficar
 Banguela de novo
 Com uma porteira
 Por onde minha língua vai passar
 Acontece que o meu dente tá muito mole
 Mole, mole e não quer sair
 Já fizeram de tudo pra arrancar
 Mas é na dança do dente mole que ele vai cair

Vai pra frente, vai pra trás
 Vai pro lado, vai pro outro

Balança nessa dança mas não cai

Vai pra frente, vai pra trás
Vai pro lado, vai pro outro
Agora é a hora, ele cai (2x)

Caiu.

Tchau meu dente mole
Tchau pra ti
Já não tenho medo, eu não vou te engolir

Tchau meu dente mole,
Tchau pra ti
Chama a fadinha que agora eu vou dormir
Tchau meu dente mole,
Tchau pra ti
Já vem dente novo e com ele eu vou sorrir

Tchau meu dente mole,
Tchau pra ti
Tô perdendo os dentes, é eu acho que eu cresci.

As duas composições aqui descritas partiram de temas, conteúdos vistos como importantes a serem abordados com as crianças. Outra possibilidade também é a de se criarem produtos culturais específicos para o ensino da música. É comum, dentre o repertório musical específico para a infância, encontrarmos músicas que tratam de questões comumente trabalhadas nas aulas de música, tais como, alturas das notas musicais, percussão corporal, instrumentos musicais etc. Além disso, alguns assuntos também se repetem como sendo do universo infantil, como, por exemplo, animais, estações do ano ou fenômenos da natureza. Tudo isto também é interessante para se utilizar da música como ferramenta para o aprendizado desses conteúdos.

A experiência em sala de aula aproxima-se do universo infantil possibilitando um entendimento dos interesses das crianças, bem como de suas formas de ver o mundo. A experiência artística com crianças constata a existência de uma cultura infantil e de um público que é capaz de consumir arte sem necessariamente precisar estar aprendendo algo específico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança, por estar ainda em desenvolvimento e vivendo muitas novidades constantemente, vive aberta a possibilidades de existência, sendo, portanto, criativa em suas atitudes e experiências. Isto lhe possibilita maiores manifestações artísticas, ou seja, espontâneas, inovadoras e criativas. Esta forma de ser e estar no mundo, tão artística no sentido de ser verdadeira e congruente, se confunde na medida que crescemos e desenvolvemos defesas e obstáculos que nos afastam de nossas essências. Acredito, portanto, que o artista pode ser visto como alguém que vai além daquele que produz arte: uma pessoa que é congruente em sua vida e reflete na experiência tudo que é de sua essência. Ou seja, podemos encontrar pessoas que são verdadeiros “artistas” em diversas áreas de conhecimento. Um médico pode ser artista, na medida em que se apaixona por seu trabalho e o faz com total identificação e criatividade. O mesmo pode acontecer com um/a engenheiro/a, um/a arquiteto/a ou um/a atleta. A pessoa se sente identificada com seu ofício e o faz como algo pertencente a sua individualização. Neste processo é que, a meu ver, se encontra a arte. Na maneira individual, congruente e, como diria Rogers, organísmica³ de ser e estar.

A escola é o espaço que pode e deve proporcionar momentos para que este encontro se realize. Para que cada criança possa se descobrir e vivenciar o seu eu na forma mais abrangente possível. Pensar na infância como uma importante etapa para descobrir sua arte, ou seja, quem se é em sua essência. E isto só é possível a partir da escuta de um/a bom/boa professor/a.

Estar em sala de aula me faz estar constantemente com as crianças, interagindo com suas maneiras de pensar e ser. A aula de música na escola pode possibilitar uma aula mais livre, ou seja, uma aula que pode contemplar diversos conteúdos e objetivos em uma mesma atividade. Ao contrário, muitas vezes, de aulas que se fecham em conteúdos pré-estabelecidos para um objetivo maior que muitas vezes estão afastados à realidade e/ou vontades daquelas crianças. Muitas vezes esta pressão por conteúdos pré-estabelecidos e muito enrijecidos tende a prender os professores, impossibilitando que tenham tempo de escuta para seus

³ Segundo Rogers (1961), o conceito de organismo é encarado como a base de todas as experiências, sendo orientador de ações e de atitudes. O organismo configura-se numa instância genuína e verdadeira de onde se pode avaliar o que ocorre à pessoa.

alunos e, conseqüentemente, criações inovadoras para suas aulas. É através deste tempo, suspenso a necessidades priorizadas por adultos (do que deve ser ensinado ou feito) é que se criam possibilidades e novos aprendizados. A partir da percepção do que as crianças falam e demonstram como motivação para aprender que se consegue, de fato, pensar em inovações na educação. É colocando-os como sujeitos ativos e ouvindo-os, que se pode pensar em uma transformação naquilo que se entende como importante de ser ensinado.

O fato da escolha dos temas das músicas aqui descritas (descontaminar e a perda do dente) e não outros temas - não diretamente relacionados à linguagem musical - parte de uma reflexão que leva a criança como um sujeito capaz de consumir arte e cultura de forma própria e peculiar. Os produtos culturais para a infância não precisam, necessariamente, estarem relacionados a uma pedagogia específica. As crianças estão em constante aprendizado, assim como adultos, porém por estarem em fase de desenvolvimento são, muitas vezes, reduzidas a seres humanos que devem estar constantemente “aprendendo” algo, ou seja, incompletas e na espera de uma validação e realização pessoal. A criança precisa ser vista no aqui e agora, mais do que ser considerada como algo que ainda está por ser. A criança já é e já tem suas próprias necessidades, gostos e prioridades.

Permanecer artista enquanto professora é algo que possibilita esta escuta e “abertura” a este presente. O artista seria esta pessoa que se encontra neste lugar de “ser o que sé” falado anteriormente, como um processo que envolve abertura e criatividade. Permanecer professora enquanto artista é possibilitar esta imensa experiência com as crianças, que são seres artistas por natureza, por estarem vivendo uma fase muito especial de suas vidas, onde é possível brincar e estar atento ao mundo ao seu redor de forma criativa e curiosa. A escola precisa se tornar um espaço mais tranquilo, onde se tenha mais tempo para que as crianças sejam crianças de fato. E com isso, para que as crianças possam ensinar aos professores sobre este tempo dilatado da infância e sobre o que lhes desperta curiosidade, ajudando-nos a encontrarmos o caminho para este novo mundo que estamos adentrando. Por fim, para que os professores possam de fato exercerem sua criatividade e quem sabe, tornarem-se também artistas no exercício de suas funções.

REFERÊNCIAS

- BARDUNI FILHO, Jairo. Pedagogia é coisa de mulher: estereótipos de gênero e masculinidades na docência com crianças. **Margens: Revista Interdisciplinar**, Dossiê: Pesquisa em Gênero e Sexualidade na Perspectiva Pós-Estruturalista, v. 16, n. 26, jun. 2022.
- BARROS, Manoel de B. **Gramática expositiva do chão** (Poesia quase toda). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BEINEKE, Viviane. Culturas infantis e produção de música para crianças: construindo possibilidades de diálogo. I CONGRESSO EM ESTUDOS DA CRIANÇA: Infâncias Possíveis Mundos Reais. 2008, Universidade do Minho, Portugal, em fevereiro de 2008. Atas... Universidade do Minho, Portugal, 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/10992011-Culturas-infantis-e-producao-de-musica-paracrianças-construindo-possibilidades-de-dialogo.html>. Acesso em: 18 abr. 2023.
- BRITO, Rafaella Medeiros de Matos; MOREIRA, Virginia. “Ser o que se é” na psicoterapia de Carl Rogers: um estado ou um processo?. Memorandum: Memória e História em Psicologia, [S. l.], v. 20, p. 201–210, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6631>. Acesso em: 18 abr. 2023.
- BRITO, Teca Alencar. **Música na Educação Infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- BROUGÉRE, Giles. **Brinquedo e Cultura**. 5. ed., São Paulo, Cortez, 2004.
- BOLÍVAR, Antonio B. De nobis ipsis silemus: Epistemologia de la investigación biográfico narrativa em educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 4, n. 1, p. 3-4, 2002.
- CARDOSO, Amanda V. M. et al. Cuidando com arte: a promoção da saúde por meio da música. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**. Brasília, v. 14, n. 1, p. 716, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5511275>. Acesso em: 18 abr. 2023.
- COSTA, Gisele F. **O afeto que educa**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <https://www.ufjf.br/pedagogia/files/2017/12/O-AFETO-QUE-EDUCA.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2023.
- DEBORTOLI, Kamila Rodrigues. Professor e artista ou professor-artista? **DAPesquisa**. v. 6, n. 8, p. 091-098, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/13995/9076>. Acesso em: 08 abr. 2023.
- ESPINOSA, Bruna B. Lo esencial es invisible a los ojos: payasos que humanizan y promueven salud. Dissertação de Mestrado: UAB, 2009.

MARTINS FILHO, Altino J. Refletindo sobre as produções culturais das crianças pequenas nas instituições de Educação Infantil. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 5, n. 2, 2007.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1997.

FREUD, Sigmund. **Escritores Criativos e devaneios**, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Trabalho original publicado em 1908).

GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de Psicopedagogia Musical**. São Paulo: Summus, 1988.

GIROTTO, Karlla Barreto. O que é ser um artista hoje? **Aurora: Revista de arte, mídia e política**. São Paulo. v.10, n. 29, p.156-166, jun./set. 2017.

GOODSON, Ivor. El estudio de las vidas del profesorado: problemas y posibilidades. In: GOODSON, I. (Org.). **Historias de Vida del Profesorado**. Barcelona: Octaedro 2004, p. 297-313.

HORTELIO, Lydia. Música na Cultura Infantil no Brasil. **Casa Amarela**, maio 2006. Disponível em:

https://www.casaamarelafestas.com.br/textos/musica_da_cultura_infantil_no_brasil.pdf. Acesso em: 08 abr. 2023.

KOHAN, Walter O. **Infância: entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, M. C. (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 228-235.

MAIA, Janaina Nogueira. **Concepções de criança, infância e educação dos professores de educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012. Disponível em: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/11459-janaina-nogueira-maia.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2023.

MANFERRARI, Marina. Histórias são naus que cruzam fronteiras. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 51-62, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/HjHzMnRZfzBDx7GZRKcqxB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 abr. 2023.

MASLOW, Abraham. **Introdução à Psicologia do Ser**. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1973.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Loyola, 1993.

MUSSI, Ricardo F., et. al. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n.

48, p. 60-77, 2021. Disponível em:
<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 8 abr. 2023.

MUZEL, Andrei A. Reflexões sobre a Produção Cultural na Infância. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT**, v. 3, nov. 2013. Disponível em:
http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/WD7udBcRD8orDcD_2014-4-16-20-54-18.pdf. Acesso em: 05 abr. 2023.

NASCIMENTO, Silvana Queiroz. O olhar da ACP na relação entre professor e aluno no filme “Como estrelas na terra: toda criança é especial”. In: CONGRESSO NACIONAL DA EDUCAÇÃO, 7., 2020, Maceió. **Anais [...]**. Maceió: Realize, 2020. Disponível em:
https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA11_ID6237_31082020194804.pdf. Acesso em: 18 abr. 2023.

PALUDO, Simone dos Santos; KOLLER, Silvia Helena. Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 36, p. 9-20, 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/paideia/a/mPnRBjz6RrFFy9LPwSmFppz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 abr. 2023.

PENNA, Maura. Não basta tocar? Discutindo a formação do educador musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 16, p. 49-56, mar. 2007.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes; Souza, Solange Jobim e. Infância, conhecimento e contemporaneidade. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel. **Infância e Produção cultural**. Campinas, SP: Papyrus, 1998. p. 25-42.

RIBEIRO, Álvaro Maurício Moura Paz. **Produção cultural infantil: práticas corporais sob a ótica de crianças**. 2012. 99 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação Física)—Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em:
<https://repositorio.unb.br/handle/10482/11590>. Acesso em: 18 abr. 2023.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

SANTOS, Vera Lucia B. Brincadeira infantil, aprendizagem e desenvolvimento: uma visão aproximada. In: ICLE, Gilberto. **Pedagogia da Arte: entre lugares da criação**. Porto Alegre: Editor da UFRGS, 2010. P. 43-51.

SHELDON, K. M.; KING, L. Why positive psychology is necessary? **American Psychologist**, v. 56, p. 216-217, 2001.

VYGOTSKY, Lev. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WENETZ, Ileana. Das escolhas que fiz: implicações na pesquisa com crianças. **Revista Proposições**, v. 22, n. 2, p. 133–149, 2011. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pp/a/HpBVwRw54pVVRZDJhvXKm4v/?lang=pt>. Acesso em: 18 abr. 2023.